

M. 299

ARQUITETURA

*As casas resistem e mostram
o que a cidade foi*

+

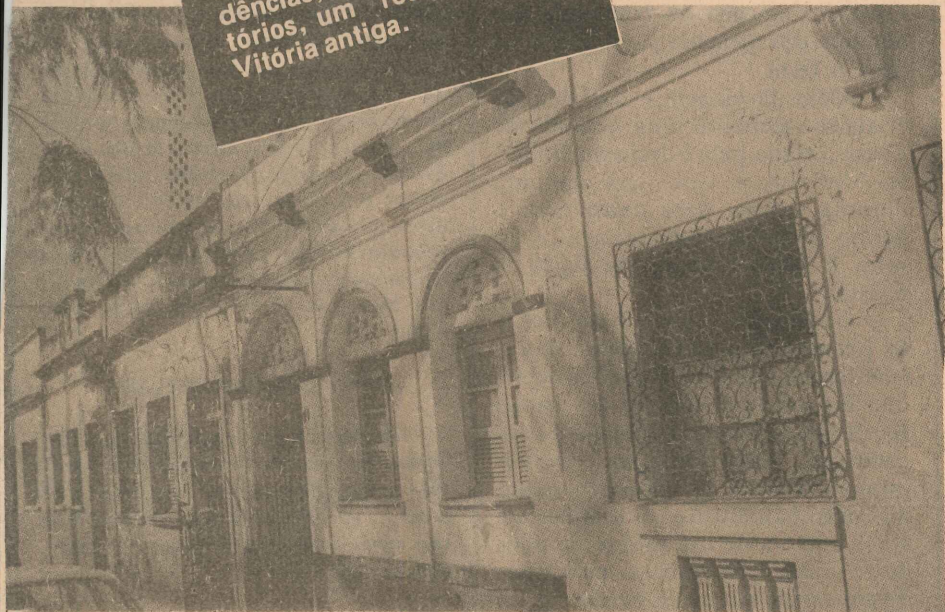
Em algumas ruas as casas ainda predominam: residências, pensões ou escritórios, um retrato vivo de Vitória antiga.

Sem espaços para desenvolver-se horizontalmente, Vitória cresce para cima. Edifícios se sucedem. As casas, com isso, vão perdendo espaço. Nem por isso elas deixaram de existir: estão presentes no centro, nos bairros e na cidade alta. Servindo ao comércio, continuam lembrando a antiga arquitetura da cidade.

O antigo prédio da Fafi: uma relíquia que resiste ao tempo e ao abandono.



Em algumas ruas as casas ainda predominam: residências, pensões ou escritórios, um retrato vivo de Vitória antiga.



Sem espaços para desenvolver-se horizontalmente, Vitória cresce para cima. Edifícios se sucedem. As casas, com isso, vão perdendo espaço. Nem por isso elas deixaram de existir: estão presentes no centro, nos bairros e na cidade alta. Servindo ao comércio, continuam lembrando a antiga arquitetura da cidade.

O antigo prédio que foi: uma relíquia que resiste ao tempo e ao abandono.



De antigas residências a ponto comercial. Até que a especulação permita.



Vitória é uma cidade espremida entre o mar e a montanha e, por isso, só tem uma maneira de crescer: verticalmente. É o que a cidade vem fazendo ao longo dos últimos anos quando os edifícios vão surgindo, crescendo e modificando a fisionomia da cidade. Ao longo de todo esse processo, as casas foram perdendo lugar, modificando a arquitetura da cidade.

Hoje, vários anos depois de ter começado a crescer, os edifícios dominam a paisagem. As casas, mesmo assim, ainda resistem. Elas estão em todos os lugares. As vezes, servem como escritórios de empresas, grandes e pequenas. Outras, como residências. Seus donos, apegados à tradição, resistem até mesmo às ofertas tentadoras. Até quando continuará assim?

Existem hoje algumas ruas onde as casas ainda predominam. A maioria, no entanto, foi transformada em ponto comercial. Os moradores saíram, foram para apartamentos mais seguros, com maiores comodidades, em locais mais tranquilos. As casas, no entanto, permanecem. É o caso da Avenida Florentino Avidos. Ao longo dela várias casas antigas, mostrando uma aparência diferente das construções de hoje.

Nelas, lojas de atacado e, em alguns casos, residências. Em outras, pensões, restaurantes e mesmo pequenos escritórios. A mesma paisagem repete-se em outras ruas. Transversal à avenida Florentino Avidos, a rua Presidente Pedreira é basicamente constituída de antigas casas. Uma pensão, lojas, garagem e está completada. Residências, só em um edifício. Ele, por sinal, tomou lugar de uma casa existente no local.

A própria avenida República, povoada de grandes edifícios, ainda preserva algumas casas. Uma serve a um instituto de idiomas. Outra a uma pensão. Algumas delas, a lojas comerciais. A valorização da área parece não ter seduzido os proprietários. Vendendo-as, poderiam obter um bom lucro. No lugar, inevitavelmente, acabaria surgindo um novo edifício. Mas elas persistem.

Nas áreas mais centrais da cidade as casas estão sendo mantidas, mas não é comum que continuem como residências. Na maioria dos casos foram transformadas em pontos comerciais. É o que ocorre na avenida Jerônimo Monteiro. Ela é povoada de prédios. No lugar em que estão, antes existiam casas. De quando em vez, uma cai para dar lugar a um novo edifício. Muitas delas resistem. A Helal, por exemplo, ocupa um prédio bem antigo. Devido à área que tem, teria condições de fazer no local um belo edifício. Até agora, no entanto, tem mantido o prédio inalterado.

Em algumas circunstâncias, embora as casas sejam preservadas, suas fachadas são totalmente mudas, caracterizando a arquitetura ori-

ginal. É o caso por exemplo do prédio onde funciona o Banco da Bahia. Ela é antiga, um dos marcos da arquitetura da cidade. De suas antigas linhas e janelas, já não existe mais nada. Uma cobertura metálica, amplos vidros e várias modificações acabaram transformando o prédio e mudando inteiramente o seu estilo.

QUASE IGUAL

De construção marcante, o próprio poder público, através da Empresa Capixaba de Turismo (Emcatu) e do Departamento Estadual de Cultura, estão dispostos a preservar o prédio do antigo mercado de Vitória. Ocupando um quarteirão inteiro, localizado numa das áreas mais nobres de Vitória, ali poderiam ser construídos dois ou mais edifícios. O poder público, no entanto, está disposto a preservá-lo, mantendo o estilo arquitetônico de uma época.

Nem todos, no entanto, têm interesse ou podem proceder deste jeito. Na rua Muniz Freire, situada atrás do Tribunal de Justiça, existem várias casas antigas. Algumas delas, como o Colégio São Vicente, parecem continuar. Outras não. O Tribunal de Justiça desapropriou uma área, derrubou as casas nela existentes, e agora anuncia a construção de um prédio no local, onde instalará alguns dos seus órgãos.

Se o poder público não cuida da preservação — e no caso de Vitória não existem planos para isso — não são os particulares que vão tomar a iniciativa. Alguns ainda resistem, tendo de conviver com espigões ao lado de suas casas comerciais. É o que ocorre, por exemplo, na rua Caramuru. Ela ainda preserva a característica de local residencial. Aos poucos ela vai sendo invadida por escritórios. Primeiro, uma imobiliária. Depois um sindicato. Um terceiro passo e uma clínica médica. Muitas residências passaram para pontos comerciais, mas outras resistem. É o caso, entre outros do dr. Artur Meirelles. Ele mora na mesma casa há muitos anos. Outros moradores são fiéis à rua e às suas residências.

A principal característica, no entanto, é que a rua conseguiu manter-se quase igual. Somente agora é que começam a surgir os edifícios. Primeiro, um mais luxuoso que, mesmo depois de há muito tempo concluído, continua desabitado. Agora, um novo em construção, que está nascendo no local onde, antes, existiam duas residências.

PRESERVADA

Ao longo de toda a cidade, existem casos de edifícios que ocupam lugar de casas e de casas que convivem lado a lado com edifícios. Em alguns locais, no entanto, existe maior concentração de um ou de outro. Um desses lugares é o triângulo formado pelas ruas 13 de Maio, 7 de Setembro, Graciano Neves e Gama Rosa. Os edifícios tomaram a área. Nem por isso as casas deixaram de existir. Nas esquinas das ruas 7 e

Graciano Neves existe o hotel Império. Ele ocupa um antigo prédio.

A parte mais preservada da cidade é a mais alta. Ela começa nas proximidades da catedral e, a partir daí, avança. São casas simples, às vezes. Noutras, residências mais sofisticadas. Em alguns locais, casarões. Nem por isso, os edifícios estão longe da área. Já existem alguns convivendo com as casas. E alguns de bom porte. Mesmo assim, a área mais alta da cidade ainda mantém quase que intacta o seu antigo estilo: casas mais ou menos sofisticadas, revelando uma arquitetura típica de uma época em que não se pensava em espigões.

A PRAIA MUDA

Se o centro da cidade e as suas principais ruas mudaram, com antigas e tradicionais casas transformadas em altos edifícios, a Praia do Canto, local nobre de residências, começa a ganhar novo aspecto: no lugar de mansões, prédios. Tal como as mansões que os precederam, eles podem ser luxuosos e amplos, mas começam a mudar de tal modo a paisagem que a praia já não é mais a mesma.

Um exemplo? Onde estão as casas da rua Moacyr Avidos? Talvez a Moacyr Avidos seja rua, em Vitória, onde exista a maior concentração de edifícios. Onde estão as casas que ficavam à beira-mar, antes do aterro da Comdusa? Não mais existem. No lugar delas, vistosos edifícios, construídos para abrigar, tal como as casas, ou que têm melhor padrão de vida.

Esta mudança pode ser sentida apenas olhando os anúncios de lançamentos de edifícios. Em sua maioria, eles estão na praia. Comerciais, residências, grandes, pequenos eles estão ocupando os espaços das antigas casas e estão quase que diariamente nos jornais. Um dos casos é o da Maternidade São José. Tradicional em Vitória, ela acaba e cede o seu lugar a um dos maiores empreendimentos da cidade, um amplo shopping center e um edifício residencial.

SEGURANÇA

Ao lado do problema de espaço, necessário à expansão da cidade, que não tem como aumentar horizontalmente, outro problema que contribui para a mudança é o de segurança. Os próprios anúncios de lançamento de novos imóveis fazem o apelo neste sentido. São edifícios com portaria controlada dia e noite, áreas internas de lazer, só acessíveis aos moradores e outras facilidades.

Num momento em que todos temem assaltos e outro tipo de violência, é mais difícil manter uma casa que ficar dentro de um apartamento. Não que não seja possível assaltá-lo. E isso tem ocorrido. Só que é mais difícil que uma casa. Em busca dessa segurança é que muita gente busca os apartamentos. Mesmo sabendo que às vezes não vão viver tão bem, fazem a troca.